

A parresia em *Mateus, 10:*

uma análise de discurso dramático
sob a lente do dizer verdadeiro

Paulo Ricardo Berton¹

Paulo Ricardo de Witt Tomazoni²

459

1. Introdução

O que vos digo em trevas dissei-o em luz;
e o que escutais ao ouvido pregai-o sobre os telhados.

Bíblia, Mateus, 10:27

O capítulo dez do Evangelho de São Mateus da *Bíblia Sagrada Cristã* descreve a convocação dos doze apóstolos de Jesus à missão de disseminação dos preceitos cristãos pela Terra de Israel. Neste trecho

¹ Autor dramático, encenador teatral e professor associado da UFSC junto ao ART e ao PPGLit. Bacharel em Direção Teatral/UFRGS, Mestre em Letras/PUCRS e Ph.D em Teatro/U of Colorado at Boulder (EUA). Coordena o NEEDRAM/UFSC e seus projetos: MILETRÊ, SBEDR e 1001 PLAYS. Publicações: *O Conflito como o Fundamento do Drama* (Dramaturgias/2019) e *Henrik Ibsen – O Pai do Drama Moderno* (Giostri/2020).

² Ator, autor dramático e contista. Bacharel em Artes Cênicas/UFSC e Mestrando do PPGLit/UFSC, pesquisa a Escrita Dramática e suas relações com a tecnologia. Adaptou *Admirável Mundo Novo* (2018) de A. Huxley para o teatro, escreveu o drama *Taquicardia* (2019), teve seu conto *Obituário Eletrônico* publicado (2020) e seu texto *Canastra* (2021) lido no projeto 1001 PLAYS.

bíblico, Jesus envia os apóstolos aos povos designados como “ovelhas perdidas”, para que anunciem a chegada do “reino dos céus”, curando enfermos, ressuscitando mortos e expulsando demônios. Além disso, faz a eles algumas recomendações que dizem respeito à maneira de conduzir esta jornada em seu nome, pede a eles para que não possuam bens, que apenas se refugiem nas casas daqueles que os acolherem, e que deixem as cidades lhes virarem as costas, prometendo para estas a vingança dos céus no dia do juízo final. Jesus também salienta os perigos desta empreitada, os adverte para que sejam cautelosos, mas que tenham coragem e fé na Palavra, que jamais neguem o seu nome diante de qualquer ameaça dos homens, e que confiem que as palavras certas sairão de suas bocas quando forem encurralados, pois Deus falará por eles. Apenas esta narrativa bíblica já revela grande potencial para uma análise sob a lente da parresia cristã, ou seja, a coragem em dizer publicamente a verdade de Deus colocando em risco a própria vida e a confiança no poder e na virtude divina que supera qualquer ameaça ao corpo. Este estudo, no entanto, vai além disso e verifica a parresia como viés de análise do discurso de personagens da produção dramática contemporânea brasileira e, mais especificamente, os fenômenos da parresia realocados para um contexto protestante da atualidade. Por este motivo, *Mateus, 10* (2012) aqui se refere também ao texto dramático de Alexandre Dal Farra³, intitulado a partir do e livremente inspirado no capítulo bíblico mencionado acima. Nesta obra, Dal Farra aborda a missão do Pastor Otávio como um disseminador da verdade às suas ovelhas, a jornada de um intermediador da vontade divina na Terra, e é o seu discurso que será colocado sob a lente da parresia neste estudo, a partir das considerações de Michel Foucault sobre o tema em suas aulas no *Collège de France* entre os anos de 1983 e 1984.

³ Alexandre Dal Farra (1982) é um dramaturgo, escritor e diretor teatral brasileiro, Mestre pelo Departamento de Letras Modernas da FFLCH – USP, atualmente é doutorando pelo PPGAC da ECA/USP. Seu texto *Mateus, 10* foi vencedor do prêmio Shell 2012 de Melhor Autor. Como o próprio autor afirma, em seus trabalhos ele busca a representação do “mal” em cena, em detrimento de uma busca por idealização ou pedagogia da cena. O autor aposta em um teatro que mostre a sua concepção daquilo “que o mundo não deveria ser (mas ainda é)” (DAL FARRA, 2017). Seus textos carregados de escatologia geralmente se ambientam em um Brasil contemporâneo e/ou distópico e escancaram instituições e mecanismos de violência e autoridade de diferentes âmbitos da sociedade. As contradições nascidas na religião, na política e na guerra são temas recorrentes em suas obras.

2. Parresia

A parresia envolve uma amplitude de conceitos que reúne práticas, discursos e modos de ser e viver que buscam o dizer verdadeiro, sobre si, sobre Deus, e sobre os outros. É a concretização de um estatuto da verdade, o dizer franco, o dizer da alma, o dizer tudo, sem esconder, dissimular ou modificar nada. Entretanto, em suas pesquisas sobre os processos de parresia em diferentes culturas e períodos históricos, Foucault sublinha as variadas aplicações do termo ao longo do tempo, que se alteram conforme os sujeitos e motivos que levam à parresia, gerando significações que, por vezes, podem se contradizer ou se confundir. Por este motivo, antes de mais nada, faz-se necessário um recorte bibliográfico que elucide os sentidos de parresia que buscamos relacionar com o texto dramático em questão, bem como os contextos históricos que justifiquem estas escolhas.

461

Na Antiguidade, a parresia aparece primeiramente atrelada a uma visão do dizer verdadeiro político e democrático. Para os gregos, parresia era a coragem em dizer a verdade e agir pela verdade pública, na liberdade do homem livre bem-nascido (uma vez que mulheres, escravos, pobres e estrangeiros não possuíam direito à parresia) a expressar-se para o outro, coletivamente, pelo bem da comunidade, em dizer coisas úteis à cidade com franqueza – que era considerada a virtude essencial do político, do orador, e do general – funções assumidas por Péricles, representante máximo da chamada Era de Ouro de Atenas⁴.

Todavia, de acordo com Foucault, a parresia não depende apenas do ato de dizer algo útil da boca para fora, mas a verdade dita deve representar a verdade individual de quem a diz, e não deve ser dita apenas por dizer. Além disso, o ato de dizer a verdade deve vir atrelado a uma relação de risco, à possibilidade da discordância iminente, que possa representar um conflito⁵ entre aquele que diz e aquele que ouve. Segundo Foucault: “para que haja parresia, é preciso que, no ato de verdade, haja: primeiro, manifestação de um

⁴ Período histórico de realizações relevantes da pólis ateniense para a cultura ocidental, que no seu sentido mais amplo engloba o século V a.C., e mais especificamente, o governo de Péricles (444-429 a.C.).

⁵ Lembremos que o conflito é um dos elementos ontológicos do gênero dramático, sem o qual uma narrativa não pode ser considerada um Drama.

vínculo fundamental entre a verdade dita e o pensamento de quem a disse; [segundo], questionamento do vínculo entre os dois interlocutores” (FOUCAULT, 2011, p. 12). Portanto, a parresia deve ser entendida como um ato de dupla natureza: a primeira é a de franqueza, pois deve representar a verdadeira opinião de quem a diz, a verdade que se esconde dentro da alma colocada sob a luz através do discurso; e depois, a de coragem, pois acarreta uma suspensão da tranquilidade entre os envolvidos, o vínculo prévio, que deve ser inicialmente amigável, seja do profeta para com o rei, do discípulo para com o mestre, do político para com o cidadão, do general para com o soldado, do sacerdote para com o penitente, é colocado então sob tensão quando se diz a verdade.

462

No entanto, ainda na Antiguidade, a parresia também pode ser atrelada a dois valores morais, um positivo e outro negativo. Enquanto que o bom parresiasta diz a verdade útil sem dissimular ou esconder, criando um tratado com a verdade que será, de alguma forma, benfeitora para a *polis*, o mau parresiasta diz qualquer coisa sem ponderar ou raciocinar, é a figura do tagarela, do bajulador, do inconveniente, que cria situações patéticas pelo uso indevido da fala. Neste contexto, o julgamento do valor moral da parresia é feito com base na utilidade dos efeitos daquela verdade para a sociedade. É a dificuldade do homem e do político grego em discernir a parresia verdadeira da bajulação ou da inutilidade, que leva à crise da parresia da Atenas do século IV e que inicia o deslocamento do pensamento parresiástico do contexto político aristocrata e adentra no campo dos cuidados de si do indivíduo. A parresia deixa de ter esta utilidade primeira na democracia e passa a representar a verdade do homem em sua existência.

Neste momento, faz-se necessário destacar um dispositivo específico de parresia que terá vital importância neste estudo: a do cínico. Para o cínico, a verdade não é apenas o dizer de conteúdo franco, mas o ato da verdade que acontece de uma forma escancarada, agressiva, violenta e não se manifesta apenas com a fala. Na realidade, o modo com que o cínico leva a própria vida faz dela mesma o maior dispositivo da verdade do cínico. Sobre isto, Frédéric Gros afirma que:

Com os cínicos, trata-se de fazer explodir a verdade na vida como escândalo. [...] Não se trata de regular a própria vida segundo um discurso e de ter, por exemplo, um comportamento justo defendendo a própria ideia de justiça, mas de tornar diretamente legível no corpo a presença explosiva e selvagem de uma verdade nua, de fazer da própria existência o teatro provocador do escândalo da verdade. (GROS, 2004, p. 163)

O cínico busca a retidão, a vida verdadeira sem atalhos, a partir de uma aproximação da natureza, igualando-se à animalidade. O estereótipo do cínico é a do pedinte que grita em praça pública, mas não se limita a isto, pois ele não apenas escolhe despojar-se dos bens materiais, mas os nega agressivamente, e, ao fazer isso, nega também as distrações da sociedade, e desobedece aos valores estabelecidos pela civilidade, concentrando a própria existência exclusivamente na busca pela verdade através do exagero escatológico, tornando-se o mestre e governador de si mesmo. Portanto, a parresia do cínico está ligada a sua própria existência, o cínico não simplesmente a pratica como uma ferramenta para um fim, como acontece na parresia política, mas é ele próprio instrumento de parresia tornando-se, ela mesma, a sua própria finalidade.

463

A tradição cínica deixou marcas na filosofia cristã dos primeiros séculos, principalmente no princípio do despojamento da vida material para se alcançar Deus, como por exemplo os franciscanos e dominicanos (os “cães” do Senhor) que se despojavam até mesmo de suas roupas, e não possuíam bens nem residência fixa. Da mesma forma, a solicitação de Jesus aos apóstolos para que vivessem com o mínimo durante sua peregrinação de evangelização, é vestígio deste despojamento material cínico: ao negar as facilidades e o conforto do mundo material, o apóstolo estará conectado à verdade de Deus de corpo e alma.

O termo parresia também aparece nos próprios textos da tradição cristã e pré-cristã, porém, seu significado sofre transformações com o deslocamento do ato de dizer a verdade de um ponto de vista humano, social e político, para a verdade divina, eclesiástica e dogmática. Primeiramente, na versão da Bíblia dos Setenta⁶, Foucault observa que o termo está muito

⁶Septuaginta ou Bíblia dos Setenta é a denominação dada ao conjunto de textos da bíblia hebraica (Velho Testamento) traduzidos em etapas para o grego a partir do século III a.C. (OLIVEIRA, 2008).

ligado a um modo de agir e pensar perante Deus:

A parresia vai se situar, por assim dizer, não mais no eixo [horizontal] das relações do indivíduo com os outros, daquele que tem a coragem diante dos que se enganam. *A parresia* se situa agora no eixo vertical de uma relação com Deus onde, de um lado, a alma é transparente e se abre para Deus, e em que, por outro lado, se eleva até Ele. (FOUCAULT, 2011, p. 286)

A *parresia* aqui se transfere do dizer público, da proclamação da verdade útil à cidade, ao dizer íntimo, individual, conectado ao ato da prece, da confissão, da penitência, o momento de elevação do indivíduo para próximo de Deus. Dizer a verdade transfere-se do meio externo, do homem que é franco com o outro, para uma perspectiva internalizada do homem para com a divindade, uma abertura de alma, uma transparência no espírito, que permite esta elevação sagrada da criatura para com seu criador.

Ainda na versão dos Setenta, é possível encontrar o termo com um terceiro sentido, agora não mais como prática humana, mas como uma manifestação de Deus, uma perspectiva que coloca a divindade como um ser dotado de *parresia* com a sua criatura, não o contrário.

464

O termo *parresia* é empregado aqui, portanto, para designar algo que é evidentemente estranho ao pensamento grego: a onipotência do Todo-Poderoso que se manifesta [...] em Sua bondade e em Sua sabedoria, [...] também em Sua cólera contra os injustos, os arrogantes e os soberbos. (FOUCAULT, 2011, p. 288)

É importante salientar que para o pensamento grego, um homem ter *parresia* para com um deus, ou um deus dotado de *parresia*, são fenômenos impensáveis, já que ela se caracteriza como uma prática essencialmente humana.

Nos textos neotestamentários, por sua vez, a *parresia* retorna com o caráter de qualidade humana a partir de sua relação com Deus, mas diferenciada de acordo com o sujeito que a utiliza e seu propósito. Primeiramente, a *parresia* do homem comum está ligada a uma maneira de ser, de levar a vida tendo confiança em Deus, o que não necessariamente envolve a palavra verbalizada, mas o conjunto de maneiras de pensar, agir, e confiar na vontade de Deus, mas mais do que isso, confiar que os desejos e

ímpetus do homem são nada mais que uma duplicação da vontade de Deus, que a vontade do indivíduo é aquilo que Deus quer para ele. Este sentido representa uma transfiguração no caráter da parresia de um princípio de liberdade de expressão dos gregos para um princípio de obediência à vontade divina. Já aos pregadores do evangelho, a parresia aparece relacionada ao discurso verbal, à pregação arriscada, à fala expositiva que põe em risco a vida do emissor, conceito muito mais aproximado do que se entende como a parresia grega.

Tanto na ascética cristã quanto no sentido grego o termo aparece atrelado a valores opostos, um positivo e outro negativo, mas será exclusivamente para o pensamento ascético cristão que o julgamento de valor não estará relacionado com a utilidade da verdade para a cidade, mas com o princípio de obediência a Deus. Foucault afirma que: “em seu valor positivo, a parresia aparece como uma espécie de virtude-ponte, que caracteriza ao mesmo tempo a atitude do cristão e do bom cristão em relação aos homens, e sua maneira de ser em relação a Deus” (FOUCAULT, 2011, p. 290). Isto significa que o homem parresiasta é aquele que se coloca diante dos outros homens a partir da vontade de Deus, anunciando a sua verdade, mesmo que arrisque a própria integridade física. Esta coragem nasce a partir da promessa divina da preservação da alma em Deus. Esta é a parresia dos mártires. Um exemplo desta relação aparece no seguinte trecho de *Mateus, 10*, na Bíblia:

465

Eis que vos envio como ovelhas ao meio de lobos; portanto, sede prudentes como as serpentes e inofensivos como as pombas. Acautelai-vos, porém, dos homens; porque eles vos entregarão aos sinédrios, e vos açoitarão nas suas sinagogas; e sereis até conduzidos à presença dos governadores, e dos reis, por causa de mim, para lhes servir de testemunho a eles, e aos gentios. Mas, quando vos entregarem, não vos dê cuidado como, ou o que haveis de falar, porque naquela mesma hora vos será ministrado o que haveis de dizer. Porque não sois vós que falais, mas o Espírito de vosso Pai é que fala em vós. (BÍBLIA, 2015, p. 1463-1464)

A parresia aparece aqui nesta confiança do apóstolo, ao ter seu discurso questionado pelas autoridades, apoiando-se e acreditando na Palavra como se ela fosse soberana a qualquer lei humana. Portanto, a parresia é aqui nada mais que uma coragem em pregar a verdade aos

homens apoiada na crença e, principalmente, na confiança em Deus. Não basta dizer a verdade sem que haja esta confiança do pregador na Palavra, pois a Palavra é o próprio Deus, e não basta acreditar n'“Ele” sem pregar a sua verdade em praça pública.

E é por causa desta confiança que com o desenvolvimento do princípio da obediência no pensamento cristão, e com a institucionalização do cristianismo a partir do século IV, a parresia começa a ser utilizada com um sentido pejorativo. Neste sentido, confiar em Deus pressupõe uma relação de igualdade, de troca comum entre homem e seu criador, e esta relação é incompatível com a filosofia da obediência, onde se deve temer a Deus. O sujeito cristão deixa de confiar para intimidar-se à “Sua” vontade, colocando-se abaixo d'“Ele”, como mera criatura. Neste contexto, confiar em Deus deixa de ser uma virtude, e torna-se arrogância e presunção.

Neste ponto da tradição ascética cristã a parresia sofre uma drástica inversão de valores, dando origem ao que Foucault denomina de polo anti-parresiástico: “É o polo segundo o qual a relação com a verdade só pode ser estabelecida na obediência temerosa e reverenciosa em relação a Deus, e sob a forma de uma decifração suspeitosa de si, através das tentações e provações” (FOUCAULT, 2011, p. 296). Neste momento, a parresia torna-se uma prática/qualidade humana incompatível com a prática da vigilância de si, indispensável para o indivíduo que almeja a vida eterna, pois a confiança em Deus representa também uma confiança em si. A vigilância e o cuidado de si passam a ser intermediados pelas estruturas de autoridade, pois o homem deve sempre desconfiar de si para alcançar a salvação.

3. *Mateus, 10*

O texto dramático *Mateus, 10* (2012), de Alexandre Dal Farra, traz a figura do Pastor Otávio como personagem central de uma trama de dois atos intercalados por uma transição, e narra a sua obcecada jornada pessoal de evangelização. Otávio almeja criar, através de seu discurso, uma massa de fiéis que o sigam e sigam os seus ensinamentos, frutos de suas interpretações pessoais dos ensinamentos bíblicos, com ênfase no capítulo que dá nome à peça. Suas ações são justificadas, conforme ele mesmo enfatiza por diversas vezes ao longo de suas falas, principalmente na sua crença desesperada nas

seguintes afirmações ditas por Jesus aos apóstolos: “Não cuideis que vim trazer a paz à terra; não vim trazer paz, mas espada; Porque eu vim pôr em dissensão o homem contra seu pai, e a filha contra sua mãe, e a nora contra sua sogra; E assim os inimigos do homem serão os seus familiares” (BÍBLIA, 2015, p.1464-1465). Esta proposição marca o conflito central em *Mateus, 10*, que é causado pelo questionamento de Otávio à primazia das relações familiares, e, portanto, humanas, em detrimento da relação vertical do homem para com Deus. Para ele, as relações familiares são uma distração do homem em seu caminho para a salvação, são um impedimento da abertura da alma do homem para o conhecimento da verdade de Deus, e, portanto, devem ser eliminadas. Em função de alcançar seu objetivo, ele se utiliza de um discurso encolerizado, rude, direto e franco. Mas o seu comportamento que beira o fanatismo põe em xeque a relação de Otávio com seus seguidores, que se sentem oprimidos pelas palavras de Otávio e, pouco a pouco, o abandonam. A luta de Otávio em permanecer fiel à sua verdade, mesmo que sozinho, o leva a um estado de histeria que o leva à loucura.

467

Ao longo do texto, ele reproduz o discurso do trecho bíblico em seu comportamento opressor para com sua esposa Olga, e nos conselhos espirituais que passa aos fiéis, sintetizados na peça pela personagem Jéssica, uma jovem seguidora que busca e confia nos ensinamentos de Otávio, ao mesmo tempo que questiona seus métodos demasiadamente ortodoxos e suas afirmações exageradas, justificadas pelas escrituras bíblicas. Otávio orienta Jéssica para que ela adote o mesmo comportamento opressor que ele possui com Olga para com a mãe dela, Maria, alegando a vontade divina de que os homens se voltem contra seus familiares em nome de Deus:

JÉSSICA – Mas então quer dizer que também a minha mãe, eu, os meus irmãos, nada disso é necessário!

OTÁVIO – PRINCIPALMENTE ESSAS COISAS! PRINCIPALMENTE! Nós mesmos, enquanto almas, enquanto seres interiores, específicos, somos desnecessários! NÓS MESMOS! Quer dizer, o corpo interior, a sua mãe especificamente, a identidade pessoal dela, e mesmo a reprodução dos indivíduos específicos, os nexos familiares, as interioridades das relações entre pais, irmãos, amigos! [...] Nada disso é necessário! NADA DISSO SERÁ PERMITIDO! (DAL FARRA, 2012, p. 13)

As alegações confusas e obcecadas de Otávio nascem de uma

interpretação obtusa, mas franca das escrituras. Ele está determinado e irreduzível a uma verdade que motiva seus atos e seus discursos. Ele se coloca compulsoriamente no que pode ser interpretado como o papel de um apóstolo contemporâneo protestante numa missão pessoal de disseminação de uma doutrina própria, e se determina nesta missão a traçar um caminho de retidão na verdade de Deus para si e para seus seguidores.

Otávio possui como guia condutor de suas ações os conselhos de seu amigo e confidente, o também pastor Joelmir. Ele diz a Otávio: “JOELMIR – O importante é manter o seu caminho reto e claro. E sempre rígido. O seu caminho deve ser rígido. Rigidamente traçado. Um caminho reto, sem variações. Sinceramente reto” (DAL FARRA, 2012, p. 4). Logo no início do texto, Joelmir assume o papel de condutor espiritual, é a ponte de Otávio aos ensinamentos de Deus, e é a partir de seu conselho que Otávio tomará uma postura de disseminador do escândalo da verdade, o que se aproxima de uma versão contemporânea de um apóstolo bíblico que bebe de influências da filosofia cínica da retidão, do caminho direto, irreduzível. Estas influências cínicas aparecem tanto no discurso quanto nas ações de Otávio, que se torna um hiperbólico anunciador da verdade. Esta desmedida aparece tanto nas relações intersubjetivas que Otávio estabelece com as outras personagens, como quando ele aconselha Jéssica a ir contra as relações familiares para o bem de sua alma, ou então no solilóquio de sua pregação que marca a transição do primeiro ao segundo ato, momento em que ele se torna anunciador e incitador de uma espécie de cruzada espiritual que visa a primazia do caminho reto em Deus em detrimento das coisas materiais e das relações humanas:

OTÁVIO – Mas como colocar no nosso mundo os outros mundos possíveis para Deus? Como inserir no mundo a palavra de Deus, para redirecionar os fatos para o nosso caminho, junto com o Senhor? Jesus disse, eu não vim trazer a paz, eu vim trazer a espada, que é a fé, que é a fé!![...] Mas a espada, meus irmãos, meus amigos, minhas irmãs, a espada precisa de um primeiro impulso, que inicia a luta!, esse primeiro impulso, esse chute inicial, ele é totalmente necessário, para que a batalha comece! (DAL FARRA, 2012, p. 33)

Todavia, Otávio não se assemelha a um cínico apenas pelo seu discurso exagerado e franco em seus sermões, seu cinismo aparece também

no modo de conduzir a sua própria vida a partir deste discurso. Na Cena 4 do primeiro ato Otávio revela seu desprendimento com as coisas materiais, ou, ao menos, a sua pretensão de se livrar delas. Ele compra um carro e o dá de presente à esposa de forma despretensiosa, apática, como se, para ele, o carro não tivesse valor algum. Em seguida, Otávio analisa notas de dinheiro, confere se estão limpas, caso contrário, as rasga e joga fora. Ele repete este processo por várias vezes, como se estivesse separando o joio do trigo. Ao ser questionado por Olga do motivo de estar descartando notas de dinheiro perfeitamente usáveis como se fossem pedaços de papel comum, Otávio revela para ela a sua preocupação com a limpeza das notas, pois, para ele, as coisas materiais são as coisas que o impedem de estar em Deus.

OTÁVIO – QUANDO EU NÃO FOR MAIS ESSE TERNO, QUANDO EU NÃO FOR A FORMA DO MEU CABELO, O FATO DE EU TER UMA MULHER, AS COISAS QUE EU FAÇO, QUANDO EU NÃO FOR MAIS NADA DISSO, NADA DESSA MESQUINHARIA DA SOBREVIVÊNCIA NO MUNDO, QUANDO EU ESTIVER FORA DISSO É QUE EU ESTAREI EM DEUS! [...] O ATO DE RASGAR A NOTA É O ATO QUE ME PÕE EM DEUS!!! (DAL FARRA, 2012, p. 28)

469

Como Otávio vê nas coisas mundanas os impedimentos para se atingir o valor de sua verdade, ele não apenas se livra delas, mas nega os seus valores monetário, sentimental, material e civilizatório agressivamente como meio de obtenção da verdade. Ao rasgar a nota ele não simplesmente retira um obstáculo, mas o usa como degrau para a obtenção da verdade. Ao fazer isso ele toma para sua vida o seu próprio discurso, escancarando esta verdade cínica para os que o seguem.

Da mesma forma que o discurso de Joelmir tem o papel de condutor em suas ações, Otávio assume este mesmo papel para com Jéssica, criando assim esta cadeia parresiástica em que mestre e discípulo, ou, numa perspectiva cristã, penitente e confessor encontram a verdade através de e pelo discurso do outro. Mas os dois processos se diferem quanto à aceitação desta verdade: enquanto Otávio não questiona os conselhos de Joelmir, pelo contrário, busca-os, Jéssica se encontra num momento de indecisão. Ao mesmo tempo que ela deseja crer na verdade de Otávio, esta verdade agride suas próprias convicções sobre as relações familiares. Por causa disto, é

nesta relação entre Otávio e Jéssica que o ato da verdade se faz ainda mais presente. O conselho de Joelmir para Otávio é apenas uma lembrança, um aval de algo em que o pastor já acredita. Nada de novo será criado, porque esta verdade já existe e é compartilhada pelos dois pastores. É só quando Otávio expõe suas ideias para Jéssica, de que os familiares, incluindo a sua própria mãe, quando se tornam impedimentos para o caminho da verdade, devem ser eliminados, esta verdade dura, dolorosa, escandalosa, é que o ato parresiástico se concretiza, pois temos a proclamação de uma verdade que representa a real opinião do emissor, mas também que, de alguma forma, desestabiliza a relação prévia entre ele e o receptor da mensagem. Logo após a mensagem ter sido dita e esta tensão estabelecida entre Otávio e Jéssica, a fiel questiona a verdade do pastor, justificando que sua mãe também discorda dele. Neste momento ele deixa evidente seu tratado irredutível com a verdade:

470

OTÁVIO – Ah, ela disse isso? Então ela não concorda? Ela preferia antes, então? ELA PREFERIA ANTES, QUANDO EU MENTIA???

[...] OTÁVIO – Sim, quando eu mentia! Ela preferia isso! Quando eu mentia! Mas pode dizer para ela, viu? Pode falar pra Maria, que eu não vou mais mentir em nome de Deus! Não vou! Não importa! Além do mais, isso tudo não importa! Nem ela, nem eu, nenhum de nós, enquanto nós mesmos, não importamos! [...] Não vou mais mentir! Nem que alguém me peça! NEM QUE ALGUÉM IMPLORE, JÉSSICA! (DAL FARRA, 2012, p. 14)

Neste momento Jéssica se decepciona com o Pastor por admitir ter mentido no passado, o que demonstra que a fiel também guarda em si uma preocupação com a verdade, mesmo que dolorosa. O interesse de Jéssica pela verdade completa este contrato parresiástico, pois, para que este ocorra, faz-se necessária a coragem do emissor em falar a verdade. O contrato também pressupõe a coragem do receptor em ouvi-la, a despeito de toda dor ou sofrimento que ela possa causar. Segundo Foucault, o pacto de parresia é: “a coragem da verdade naquele que fala e assume o risco de dizer, a despeito de tudo, toda a verdade que pensa, mas também é a coragem do interlocutor que aceita receber como verdadeira a verdade ferina que ouve” (FOUCAULT, 2011, p. 13).

Mas esta radicalidade tomada como viés de discurso e este modo de

conduzir a sua vida conjugal e pessoal são diretos demais, invasivos demais, de difícil digestão e compreensão, pois o comprometimento de Otávio com a verdade do que está sendo dito gera uma despreocupação com a forma. Foucault salienta a oposição da parresia à arte retórica, que é o discurso persuasivo, o discurso do convencimento, pois o compromisso da arte retórica está atrelado à forma do discurso, nos artificios usados para se convencer alguém a fazer algo, dizer algo, ou pensar de certa maneira, em detrimento da verdade do que está sendo dito. O retórico pode usar de artimanhas para convencer o interlocutor que não necessariamente representam a verdade de sua alma. Mas não é este o caminho de Otávio como parresiasta, o compromisso dele está com a verdade, mas ele falha em convencer os outros ao adotar um discurso que não se preocupa com a maneira de dizer. A verdade de Otávio se torna para as outras personagens, opressora, sufocante, confusa, e acaba gerando ainda mais dúvidas a respeito da validade e da razoabilidade de suas palavras.

471

Após Jéssica revelar a discordância de sua mãe em relação às pregações de Otávio, ele passa a fazer insinuações acerca de sua pretensão em matá-la. No segundo ato sabemos que Maria está morta, ela havia supostamente se suicidado, mas Otávio afirma que o responsável pela sua morte havia sido ele. Nenhuma das outras personagens acredita em suas afirmações, nem mesmo Jéssica, que está convencida que sua mãe havia tirado a própria vida. Otávio insiste em afirmar com convicção que ele a havia matado, mas todos o tomam como louco. Olga então toma a palavra, numa atitude explosiva, revelando a sua verdadeira opinião quanto à natureza do discurso do marido:

OLGA – *levantando e batendo a mão na mesa.* ELA NÃO PRECISA DISSO OTÁVIO! VOCÊ NÃO PERCEBE! INSENSÍVEL! COVARDE! FICA QUIETO AGORA! FICA QUIETO! EU AGUENTEI ESSE TEMPO TODO! AGUENTEI O SEU EGOÍSMO, OTÁVIO! MAS AGORA CHEGA! VOCÊ NÃO ENXERGA? NÃO VÊ QUE O QUE MENOS PRECISAMOS AQUI É DISSO??? NÃO PRECISAMOS DE VOCÊ, OTÁVIO!!!! EGOÍSTA! [...] FICA QUIETO, AGORA! AGORA GUARDA PARA VOCÊ O QUE VOCÊ QUER DIZER, OTÁVIO! ENGULA! ENGULA! EU NÃO PRECISO MAIS DE VOCÊ, NÓS NÃO PRECISAMOS MAIS!!! (DAL FARRA, 2012, p. 55)

As palavras de Olga revelam a ineficiência do discurso de Otávio, não apenas isso, mas também a sua fragilidade. As atitudes e palavras de Olga, que a haviam colocado no decorrer da peça em um papel de governada pelo discurso do marido, se invertem. Ao atingir o seu limite, ela censura o marido, censura seu propósito, e sua verdade. A partir disso, todos reconhecem Otávio como louco, como um abusador das palavras, a franqueza de seu discurso é escancarada, seu conteúdo falha em racionalidade, e sua forma falha em persuasão. Neste momento, tudo que resta a ele é o uso da força. Otávio então aponta uma arma aos presentes numa tentativa desesperada de convencê-los de sua culpa na morte de Maria. Otávio precisa que a morte dela seja creditada a ele, pois assim a verdade de seu discurso se cumpriria, se encarnaria em uma ação concreta. Se ele realmente matou Maria, a sua verdade estaria encarnada nele mesmo, ele se tornaria aquela verdade. Mas Jéssica lhe dá um tapa no rosto, toma a sua arma e diz a ele para ir embora, pois ele não merece a sua fé.

472

Neste momento ele é reconhecido como algo que seus fiéis já haviam percebido há algum tempo: um pregador ruim e, portanto, um mau parresiasta. A confiança de Otávio na sua fé o torna arrogante, presunçoso, inacessível. Otávio se aproxima demais de Deus, age como um autoproclamado profeta, mas que, diferentemente do discurso profético antigo, não se utiliza de enigmas como método de anunciação. As palavras de Otávio são confusas, mas a confusão acontece por sua busca desesperada pela verdade, não por um esforço consciente de profetização, aproximando Otávio muito mais do protagonista sofociano Édipo, e sua trágica derrocada em busca da verdade, do que da sabedoria divina de Tirésias⁷.

4. Considerações Finais

Este artigo verifica em que instância o conceito de parresia, tratado pelo pensador francês Michel Foucault, encontra reverberação num texto dramático, como o escolhido para análise aqui: *Mateus, 10*, da autoria de

⁷ Na mitologia grega, era um célebre profeta cego tebano do oráculo de Apolo, com poderes proféticos e a capacidade de entender o canto dos pássaros, e cuja sabedoria se devia ao cumprimento de um castigo infligido por Hera, que lhe transformou de homem em mulher por sete anos, podendo assim compreender a natureza dos dois gêneros, o que faz dele uma figura liminoide por excelência.

Alexandre Dal Farra. Após referir a passagem bíblica que dá título a esta obra, acompanhamos o percurso histórico feito por Foucault, a fim de identificar como se dava a manifestação deste “dizer franco” que ao mesmo tempo implicava um ato de coragem. Passando pela sua conotação política na Grécia Clássica e mais tarde na filosofia cínica, a parresia vai inverter seu eixo de horizontalidade entre os seres humanos para uma acepção medieval de caráter teocêntrico, verticalizando a sua natureza. Esta virada culmina por fim com não mais o ser humano podendo conversar de forma aberta com a divindade, uma vez que para o cristianismo esta não era uma relação de igualdade. Surge, de acordo com Foucault, o pólo anti-parresiástico, no qual esta forma discursiva pressupõe a obediência, o respeito e o acato de preceitos institucionais, a princípio no âmbito da Igreja e, mais tarde, disseminando-se para outras instâncias.

473

A Escrita Dramática brasileira contemporânea, através de *Mateus, 10*, faz uso da parresia através das falas de seu protagonista, o Pastor Otávio. Atrelado ao seu teor religioso – talvez uma das instâncias mais potentes para a sua concretização, vide a pesquisa de Foucault – Dal Farra atualiza um discurso que se inicia na Grécia Clássica, pela voz de uma personagem dos dias de hoje, mostrando assim que a parresia se manteve presente ao longo dos tempos. O protagonista da trama se manifesta através de diálogos assertivos para que, desta forma, os fieis de sua igreja evangélica enxerguem nele aquilo que o qualifica como autoridade: a verdade.

Embora, como percorrido ao longo deste trabalho, o conceito de parresia seja, na realidade, uma aglutinação de formas de discursar que se diferenciam ao longo da história em relação aos seus interlocutores, seu propósito socio-religioso, e sua posição no espectro moral (virtude ou defeito), observamos como este dispositivo discursivo não se distancia em nenhum momento de seu caráter de agente tensionador do discurso. Isto significa que, não obstante a forma escolhida, buscar a parresia como discurso, paralelamente também significa a busca pelo conflito, uma vez que, em seu processo de escancaramento da verdade, ela age também em sentido oposto revelando a mentira, e, automaticamente, o erro. Mesmo após um salto secular, partindo da Antiguidade teorizada por Foucault para

a contemporaneidade protestante do texto dramático de Dal Farra, foi possível observar como o mecanismo de discurso parresiástico é, se não o pilar central, um importante condutor de desenvolvimento dramático de um texto desta natureza.

Este trabalho se propôs a examinar a pertinência de um conceito filosófico em um texto dramático brasileiro contemporâneo específico. No entanto, como se pôde observar ao longo do estudo, a parresia assume diferentes roupagens conforme seu contexto histórico, seja ele representado pelas estruturas democráticas clássicas ou pelas filosofias cristãs primitivas ou neotestamentárias, indo da parresia à anti-parresia. A personagem dramática, no afã de alcançar o seu objetivo, via de regra esconde, oculta ou engana, refletindo assim um determinado comportamento humano. Se em *Mateus, 10*, o protagonista escolhe o caminho da franqueza e da verdade, nos perguntamos se em outros textos dramáticos brasileiros contemporâneos (e aqui o objeto de estudo poderia abarcar outros contextos históricos e geográficos) as personagens se utilizam de um discurso aberto, ou parresiástico – como faz o Doutor Stockmann em *O Inimigo do Povo* de Henrik Ibsen ou as personagens-lumpen de Plínio Marcos – ou um discurso fechado de obediência – como as filhas de Bernarda Alba no drama homônimo de Federico García Lorca – ou de cegueira consciente - como os pais de Indienne du Bois, vulgo Moacir, no texto dramático *Avental Todo Sujo de Ovo*, de Marcos Barbosa. E em se chegando a uma conclusão, em que medida o drama estaria refletindo a conjuntura do tecido social daquele período. Desta forma, entendemos este artigo como não apenas um estímulo para uma pesquisa de maior porte que verifique a natureza dos discursos das personagens na variação parresia/anti-parresia, mas também como uma análise indireta da relevância e ocorrência do conceito de verdade no pensamento vigente de uma dada sociedade e de uma dada cultura.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. *A Bíblia Sagrada*. Salt Lake City, Utah, EUA: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 2015.

DAL FARRA, A. Mateus, 10. Manuscrito não publicado. 2012.

_____. Por um teatro que coloque o mal em cena. *Revista Cult UOL*. 2017.

Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/por-um-teatro-que-coloque-o-mal-em-cena/>. Acesso em: 07 fev. 2022.

DE ALMEIDA, A. Parrêsia cínica em Michel Foucault. *Ítaca*, n. 31, p. 38-56, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Itaca/article/download/3318/10276>. Acesso em: 04 jan. 2021.

DITTRICH, C. C. L. A Parresia e o dizer verdadeiro em As Bacantes. *Anuário de Literatura*, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 106-114, 2009. DOI: 10.5007/2175-7917.2009v14n2p106. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2009v14n2p106>. Acesso em: 04 jan. 2021.

475

FOUCAULT, M. *A Coragem da Verdade. O Governo de Si e dos Outros II: Curso no Collège de France (1983-1984)*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

GROS, Frédéric. A parrhesia em Foucault. In: GROS, Frédéric (org.). *Foucault: a coragem da verdade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

OLIVEIRA, Luciene. A Septuaginta – uma herança alexandrina até os nossos dias. *Principia*, n. 16, p. 1-5, 2008. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/principia/article/viewFile/11219/8915>. Acesso em: 25 ago. 2021.

WELLAUSEN, S. Michel Foucault: parrhêsia e cinismo. *Tempo Social*, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 113-125, 1996. DOI: 10.1590/ts.v8i1.86285. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/86285>. Acesso em: 8 fev. 2021.

Resumo: Este trabalho tem como objetivo a análise do discurso das personagens do texto dramático brasileiro contemporâneo *Mateus, 10* (2012), de Alexandre Dal Farra, tendo como viés teórico os estudos das práticas do dizer verdadeiro desenvolvidas por Michel Foucault, levando em consideração diferentes significados históricos de parresia, dos cínicos aos ascéticos cristãos. Esta sempre relativa verdade implica necessariamente a existência do binômio certo e errado. No Drama, será sempre a personagem contraditória que vai criar uma empatia maior com o leitor/espectador, seja pela sua *hamartia*, um erro (!) de cálculo que leva à catástrofe nos subgêneros sérios, seja pela sua ignorância que leva ao ludibriamento nos subgêneros engraçados. Uma personagem dramática é um constructo ficcional, apartado da vida e da instância do real, o que aproxima o Drama menos das máximas “Errar é humano” ou “Penso, logo existo” e mais da, quem sabe mínima, “Existo, logo erro”.

Palavras-chave: Verdade; Parresia; Personagem; Drama; Michel Foucault

Abstract: This essay aims to analyze the discourse of the characters in the contemporary Brazilian play *Mateus, 10* (2012), by Alexandre Dal Farra, using as theoretical basis the studies of the practices of true saying developed by Michel Foucault, taking into account different historical meanings of pharresia, from cynics to Christian ascetics. This always relative truth necessarily implies the existence of the right and wrong binomial. In Drama, it will always be the contradictory character that will create greater empathy with the reader/spectator, whether because of his *hamartia*, a miscalculation (!) that leads to catastrophe in serious subgenres, or because of his ignorance that leads to deception in the funny ones. A dramatic character is a fictional construct, separated from life and the instance of the real, which brings Drama closer to the maxims “To err is human” or “I think, therefore I am” and more to the, perhaps minim, “I exist, therefore I am wrong”.

Keywords: Truth; Pharresia; Character; Drama; Michel Foucault